

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

Nº 44

JUNHO, 29, 1970

O XAMANISMO ENTRE OS ÍNDIOS DA REGIÃO UAÇÁ
(OIAPOQUE — TERRITÓRIO DO AMAPÁ)

EXPEDITO ARNAUD (*)
Museu Goeldi

Através do presente trabalho, abordamos aspectos relacionados à prática do xamanismo (1) entre os grupos indígenas que habitam na região acima referida, situada na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, a seguir discriminados: Palikúr (rio Urucauá) com uma população de 304 indivíduos; Galibí (rio Uaçá) com 559; e Karipúna (rio Curi-pi) com 523 (2). Tratam-se de índios cujas terras vêm sendo penetradas por frentes estrangeiras desde os tempos históricos. Inicialmente por traficantes europeus (holandeses, ingleses e franceses) e missionários católicos e, subsequentemente, por portugueses, negros, malaios, chineses, árabes e brasileiros (Arnaud, 1969: 1-3). Durante a época do contestado franco-brasileiro, terminado em 1900, estiveram sob o controle quase absoluto da administração francesa e envol-

(*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) — As investigações a respeito realizamos nos anos de 1965, 1966 e 1968 e principalmente no âmbito dos Palikúr. Todavia, os fatos aqui expostos, além dos obtidos pessoalmente, nos foram fornecidos mais por intermédio de diversos informantes do que diretamente pelos xamãs e feiticeiros, já que estes mostraram-se quase sempre esquivos para falar acerca de suas atividades. Em 1968, a despeito do curto espaço de tempo que dispusemos para a pesquisa em tela (cerca de 20 dias), procuramos nos orientar, na medida do possível, através das substanciais sugestões formuladas por Baldus (1965/66). À Mark Münzel devemos a tradução dos textos de Nimuendaju (1926) contidos no original alemão.

(2) — Esses dados populacionais obtivemos, em fins de 1966, por intermédio do Sr. Djalma Limeira Sfair, Agente do S.P.I.

vidos por uma população dessa procedência, constituída, predominantemente, por descendentes de escravos negros (*crioulos*) (ibid. : 4-31). A partir de 1930, por intermédio de um delegado, começaram a sofrer a ação do S.P.I. e, de 1942 em diante, sob a jurisdição de um Pôsto Indígena (P.I.N.) que lhes passou a ministrar assistência escolar, sanitária e econômica (ibid. : 10 e ss.).

Os Palikúr ainda conservam bem vivo o dialeto tradicional filiado ao bloco *Aruak*. No entanto, grande parte dos homens já fala e algumas mulheres entendem o *patois* (*crioulo*) da Guiana Francesa e, um pequeno número de indivíduos, começa também a compreender o idioma português no qual dois homens são alfabetizados (Paulo Orlando e Moisés Yapahá). Os Galibí e os Karipúna, esqueceram completamente seus dialetos de origem *Karib* e *Tupí*, respectivamente. Hoje têm como língua usual o *crioulo* e, em sua maioria, falam com relativo desembaraço o idioma português (ibid.).

Os três grupos mantêm relações assíduas entre si, com os crioulos, saramacás e Palikúr da Guiana Francesa e com os brasileiros do baixo Oiapoque e rio Cassiporé. De modo geral consideravam-se católicos e, de modo inamistoso, costumavam receber os pastores protestantes que tentavam doutriná-los. Porém, a partir do início de 1968, mais ou menos a terça parte da população Palikúr tornou-se *crente* (seita pentecostal) sob a liderança do índio Paulo Orlando, cuja conversão foi conseguida por um pastor norte-americano que durante algum tempo atuou no Oiapoque.

*

* *

O xamanismo entre os índios do Uaçá apresenta, basicamente, características semelhantes às registradas por Gillin (1948 : 856) no que respeita aos grupos da área guianense. Classificam êles distintamente o que se pode considerar como o xamã (pajé) propriamente dito e o feiticeiro, sendo

êste mais conhecido como soprador. Admitem também a existência de lobishomens.

Quando se expressam no dialeto crioulo aplicam ao xamã a denominação de *piaye*, possivelmente de origem *Karib*, usada também com algumas variações por outras unidades da área (cf. Gillin, ibid.). Os Palikúr, no entanto, possuem denominativos próprios, como sejam, *hiyepuene* para os antigos xamãs, *akunari* (*airi* = tabaco) e *yuhamuli* (*yihamulu* (o)) registradas por Nimuendaju (1926 : 90), ou *inhamuï*, segundo ouvimos pronunciar.

São admitidos xamãs de ambos os sexos, porém, a cremos em informantes, há muito tempo não aparecem do sexo feminino entre os Palikúr e os Galibí. Presentemente, apenas os Karipúna possuem mulheres xamãs.

A função não é hereditária a despeito de ser mais frequentemente exercida por filhos ou parentes próximos de xamãs, sendo que, dentre os cinco casos que verificamos, três indivíduos foram iniciados pelos pais, um pelo primo e o outro por elementos não pertencente à sua família. Alguns trabalham primeiramente como ajudantes (*yanatidi* = palikúr; *palikà* = crioulo) e às vezes de vários xamãs ao mesmo tempo.

A assunção de chefias por parte de xamãs, embora com pouca freqüência, tem ocorrido na época atual. Nimuendaju (1926 : 90-104) não cita nenhum caso de tal natureza entre os Palikúr, mas refere-se à existência de um *capitão* de nome José Celso entre os Galibí que “era apontado como feiticeiro” (ibid. : 124) (3). Fernandes (1953a : 291), por sua vez, menciona o *capitão* Palikúr Guilherme Iramrê como sendo “um grande pajé da tribo”... Nos informaram também que, um outro xamã Galibí (Evaristo Chinois), foi *capitão* pela década de 1930, porém, o delegado do S.P.I. o

(3) — Nimuendaju (1926 : 86-94) usa a palavra “zauberer” (feiticeiro) como equivalente do termo indígena *piaye*. Pelo que conseguimos verificar em sua monografia, parece não fazer a distinção entre o xamã e o feiticeiro, observada posteriormente por Fernandes (1950 : 310-11) e também registrada nesta comunicação.

afastou do cargo por conveniência administrativa. Entre os Karipúna nenhum daqueles autores e elementos com quem mantivemos contatos noticiaram situações semelhantes. Nos dias atuais não há xamãs exercendo funções de liderança no âmbito dos três grupos.

De igual modo como Nimuendaju (1926 : 90) não vimos nenhuma pessoa aprendendo as técnicas do xamanismo. Todavia, segundo velhos informantes, embora possa surgir inopinadamente alguém como xamã por vocação especial, geralmente os que pretendem exercer o mister, inclusive ajudantes, submetem-se a um aprendizado cujas normas parecem não diferir muito das que são adotadas por outras unidades da área (cf. Gillin, 1948 : 856). Durante um período que pode variar entre 20 e 30 dias, o candidato fica recluso em uma palhoça sendo alimentado apenas com mingaus e pequenos pássaros e sem poder entreter relações sexuais. O mestre lhe ensina então a entrar em transe fumando cigarros de tabaco com invólucro de tauari, bem como a invocar os sobrenaturais por meio de canções acompanhadas com a percussão do maracá. Ao mesmo tempo lhe dá para ingerir infusões de água com tabaco que atuam como vomitórios, aplicando-lhe também banhos feitos com líquidos e cascas de árvores reputadas como possuidoras de virtudes mágicas. Uma vez considerado apto pelo mestre pode o iniciado entrar no exercício da função, mas deve submeter-se a novos treinamentos se pretende ser um grande xamã.

O xamã exerce sua ação sob influência de espíritos, os quais, na língua portuguesa, os próprios índios denominam *demônios* (ou *diabos*); e também de almas de pessoas falecidas, incluindo modernamente de crioulos e brasileiros, cuja manifestação ocorre por meio dos respectivos idiomas (4). Aquêles sêres, no entanto, pelo menos entre os Palikúr, não

(4) — Nimuendaju (1926 : 93), a respeito de uma sessão que presenciou, expressa do seguinte modo: "Quando surgia um espírito de índio nada entendia, mas se era de crioulo podia ao menos perceber que e conversa girava em torno de comidas, bebidas e outras coisas banais. Distinguia a voz mais profunda e a risada crioula aberta e forte como nunca se ouviu dos índios."

têm afinidades com a figura da ideologia cristã assim chamada, sendo que, conforme escreve Nimuendaju (1926 : 87), "o bom Deus não interfere nas relações das pessoas com êsses demônios". Encontram-se êles disseminados pelos ares, rios, lagos, florestas e montanhas; podem *encantar-se* em animais e árvores, sendo crença que a sumaumeira abriga apenas os de caráter maligno; e podem também permanecer temporariamente nos instrumentos de um xamã ou no lugar onde sejam os mesmos guardados. Os Palikúr falam sobretudo nos *yumawali* (demônios das montanhas) (5), os quais, conforme ainda registra Nimuendaju (ibid. : 89) "possuem um pequeno céu especial (*yonoklin*) situado acima do primeiro céu" (6), e em cujo meio acreditam existir muitos xamãs falecidos. Referem-se, outrossim, à existência no monte Karupina (entre o Urucauá e o Curipi) de outros numerosos demônios "que as vêzes tomam a forma de uma ave chamada *tukusmaká* (semelhante ao gavião)" (ibid.). E mencionam a presença no monte Ukupi (margem esquerda do Urucauá) de "um poderoso demônio denominado *Kamubalu*, um tanto gordo e que usa uma espécie de tanga atingindo os joelhos, onde é pintada" (ibid.).

O xamã atua como adivinho e curandeiro mas não trata de ferimentos, inclusive quando causados por cobras venenosas. Atribui-se-lhe a capacidade de provocar ou fazer cessar chuvas e tempestades, bem como de praticar malefícios contra pessoas e animais. Pode desempenhar a função em tôda a complexidade ou somente em determinados aspectos, variando sua capacidade de ação de acôrdo com o

(5) — Os Kaliña (Karíb do Suriname designam pelo termo *mawari* (*miawale* ou *imuawali*) o espírito da procreação e por *myawali* o espírito do arco-iris (cf. Goeje, 1943 : 33). Os Wawai (Karíb) da Guiana Inglesa, por sua vez, chamam ao espírito criador *mawari* e ao herói cultural *yawari* (cf. Fock, 1963 : 34-6). Já os Akawaic (Karíb), habitantes das terras altas das Guianas, nomeiam *imawali* como espírito da mata (cf. Butt, 1965/66 : 162).

(6) — Segundo Nimuendaju (1926 : 88) referem-se os Palikúr a três outros céus — *mikene*, *ena* e *inoliku* —, sendo o último "a morada de Deus (Ohogri)". Entre vários infernos lhe mencionaram *minika* e *wimpi* e para designar o diabo o termo *wapetpiyé* (ibid.).

número, natureza e valor dos espíritos que lhe forem propícios. Segundo os propósitos em mira procura o xamã ora encaminhar os espíritos diretamente contra os objetivos, ora angariar por intermédio deles forças para agir pessoalmente ou obter revelações e ensinamentos.

O contato do xamã com os sobrenaturais verifica-se não só por ocasião das sessões como durante os sonhos "quando sua alma empreende longas viagens". Em uma sessão é geralmente invoca vários espíritos, cuja presença em seu corpo é manifestada por meio de palavras e de fortes batidas com os pés ou com um pequeno bastão de madeira. Caso porém ocorram ruídos estranhos nas proximidades (latidos de cães, queda de objetos, etc.) o espírito atuante retira-se repentinamente. O xamã então desmaia, pois, sua alma acha-se afastada do corpo, sendo necessário para sua recuperação que outras pessoas o venham sacudir.

Nos dias atuais, entre os grupos em apreciação, o xamã não observa comumente nenhuma dieta alimentar, como até bem pouco tempo ainda parecia verificar-se entre os Galibí do Oiapoque e Guiana Francesa (cf. Arnaud, 1966 : 48), mas enquanto *trabalha* apenas fuma e bebe caxiri (bebida fermentada de mandioca). Tem êle como principais instrumentos o maracá e o cigarro de tabaco anteriormente mencionados, sendo êste de reduzida espessura e com aproximadamente 0,20 m de comprimento. Para realizar uma sessão pinta o rosto com urucu e coloca na cabeça um ornato de penas em forma de coroa (*yuli* — palikúr; *courrone* — crioulo), o qual não é de seu uso exclusivo. Sentado em um banco de madeira (*epti* = palikúr; *mulê* = galibí?) estilizando um pássaro (galo, tesoura, galega, etc.) e somente por si utilizado, atua em um recinto fechado, antigamente feito com folhas de palmeira (cf. Gillin, 1948 : 856), mas hoje confeccionado com tecido de algodão adquirido no comércio (2,00 m de altura x 1,00 de comprimento x 1,00 de largura), já empregando também para idêntico fim o mosquitoireiro comum. O ajudante tem a incumbência

de preparar os cigarros (7), transportar os respectivos instrumentos para o local da sessão e, durante esta, acender os cigarros para o xamã e servir-lhe caxiri na medida em que é solicitado. A comunicação entre ambos no âmbito dos Palikúr, segundo fomos informados, processa-se então através de palavras não usadas na linguagem habitual.

As sessões são realizadas pelo xamã invariavelmente à noite e têm caráter público, seja para fortalecimento do seu prestígio junto aos espíritos, seja para tratamento de um enfermo ou para agradecimento de um êxito alcançado. Porém, costuma também atuar isoladamente e, quando assim acontece, suspeita-se estar êle provocando malefícios. Por ocasião de uma sessão de curandeirismo, segundo vários testemunhos, pede a cada um dos sobrenaturais invocados para expulsar a doença do paciente ou então a indicação de um remédio capaz de extingui-la. Assim que se manifesta algum espírito de modo julgado satisfatório, o xamã sai do mosquitoireiro e passa a fazer no enfermo repetidas fumigações com o cigarro, ao mesmo tempo que sacoleja o maracá em tórno dêle, detendo-se, por fim, em um ponto onde parece estar localizada a doença. Às vêzes chupa o lugar afetado para extração de corpos estranhos os quais exhibe aos presentes. E também receita beberagens para o enfermo (8).

Um tratamento não raro se prolonga por vários dias e até durante meses, podendo ser efetuado por mais de um xamã. Quando a cura não acontece, geralmente a culpa é atribuída a um ou mais xamãs rivais, mas já se costuma admitir que "foi porque Deus não quis." Antigamente o interessado tinha apenas obrigação de fornecer ao xamã um vaso de caxiri por *função* e, se recuperasse a saúde, um outro para ser bebido por ocasião da festa comumente realizada para agradecimento aos espíritos. Agora, no entanto, os

(7) — Entre os Palikúr, por motivos que não podemos apurar, trata-se de um trabalho que deve ser executado até antes do sol chegar ao pino.

(8) — A respeito da "medicina e maneiras de tratamento entre os índios Pariukur (Aruak)" cf. Fernandes (1950).

tratamentos são na maioria pagos em espécie ou em dinheiro uma vez que seja o resultado satisfatório, já havendo também ocorrido casos em que a remuneração foi solicitada adiantadamente pelo xamã.

É também da competência do xamã dirigir um cerimonial denominado *festa do turé* (*aramtême* = palikúr), o qual, aliás, é realizado não só pelos índios em tela como pelos Emerilon (*Tupí*) do médio Oiapoque (cf. Fernandes, 1953b : 273). A festa tem por finalidade homenagear os espíritos benfazejos e ocorre geralmente na época do estio em noite de lua cheia. Podem tomar parte na mesma elementos de ambos os sexos, os quais desde a véspera não devem comer peixe “por ser alimento repudiado pelos espíritos.” Efetua-se em uma praça de contorno circular, medindo mais ou menos 8,00 m de diâmetro, cercada por varas fincadas ao solo com 1,50 de altura, distantes entre si por igual dimensão e ligadas por fios de algodão. No centro da praça é cravado um mastro “para trânsito dos espíritos” medindo cerca de 7,00 m de altura e cercado por quatro varas também ligadas de igual modo que as anteriormente mencionadas. Junto ao mastro é colocado o banco do xamã e, lateralmente, dois bancos estilizando uma cobra ou um jacaré, em média com 4,00 m de comprimento, e destinados aos participantes da festa. Antigamente o mastro e as varas eram ornamentados com plumagens simbolizando os espíritos guardiães da festa, mas agora essas peças são encimadas com figuras de pássaros esculpidas em madeira e fios enfeitados com bandeirolas de pano. De igual modo como nas outras práticas o xamã inicia a cerimônia invocando os sobrenaturais cuja caracterização ocorre por meio de nomes de animais, de fenômenos naturais e de pessoas falecidas. Por sua vez manifestam-se esses seres na pessoa do xamã através de canções próprias que, depois de iniciadas, passam também a ser cantada e dançadas pelos participantes acompanhadas pelo tocar das buzinas (*turés*) que dão o nome à *festa* (9). Esta, no en-

(9) — Para maiores detalhes sobre a *festa do turé* cf. Nimuendaju (1926 : 88-9) Fernandes (1953b : 273-78).

tanto, já está perdendo seu sentido mágico-religioso, pois, além de várias das antigas normas não serem mais obedecidas, não só xamãs como outros elementos que conhecem as canções já costumam realizá-la como simples diversão.

Conforme já observara Nimuendaju (1926 : 92), os xamãs da atualidade são considerados, no âmbito dos três grupos, insignificantes em comparação com os dos antigos tempos. A respeito destes, aliás, diz o citado autor (ibid) haver ouvido, entre os Palikúr, “várias histórias emocionantes”, sendo que, “um deles fôra visto mergulhar no rio com uma cuia cheia de caxiri para beber com a cobra grande, emergindo depois de haver decorrido bastante tempo”... (ibid.). Segundo ainda a tradição Palikúr, foram os grandes xamãs do passado que proporcionaram a abundância que ainda hoje verifica-se no Urucauá, pois, “eles atraíam peixes e animais silvestres de outras regiões.”

A mais importante figura do xamanismo Palikúr (*Karumayrá*) é atribuída origem mítica. De acordo com a versão colhida por Nimuendaju (1926 : 89), *Karumayrá* , que era um *yumawali* , “antes de nascer habitava no pequeno céu *yinoklin* . No momento em que decidiu viver na terra pediu ao bom Deus para lhe dar uma mãe, havendo a escolha recaído em uma mulher Palikúr. Realizou na terra grandes feitos desde criança havendo inventado as “flautas de turé e as respectivas danças” (ibid.). Após falecer seu espírito “retornou para *yinoklin* , mas quando lá realizam festas com os outros *yumawali* escuta-se o som dessas flautas na ilha que habitava no Urucaua” (ibid.). Referem-se também os Palikúr atuais à existência, em época não muito remota, de um outro xamã de nome Warawenê, “quase tão poderoso como *Karumayrá* ”, mas que praticava muitos malefícios.

Entre os cinco xamãs encontrados por Nimuendaju (1926 : 90) no rio Urucauá êle destaca Lexan Yuyú, seu principal informante, como muito benquisto no meio dos índios e dos crioulos. Porém, fala em um outro chamado Lexan

Chevalier, “que era até odiado porque entre os espíritos seus aliados não havia nenhum honesto nem bom” (ibid.). Quanto aos que existiram a partir de então, já falecidos, nos foram mencionados principalmente o Galibí Alfredo e os Palikúr Maximilien, Volmá, Pitbug, Yapahá e Pikan, havendo este praticado o suicídio mediante a introdução de uma tesoura na garganta quando se encontrava doente de sarampo. Ainda subsistem os xamãs Palikúr — Costan e Payuyu (lado francês), Demonty e Zé Tuelle (rio Urucauá), Labonté (rio Uaçá) e Raimundo (rio Curipi); e os Karipúna — Felício, Cecília e Elza (rio Curipi). Tanto acêrca destes como daqueles a maioria dos casos que nos foram relatados dizem respeito à prática de malefícios (10).

Presentemente, o mais famoso é Costan, residente na *village Trois Palétuviers* (margem esquerda do Oiapoque), o qual, em face ao temor que inspira, dizem prover parte da subsistência através de outros indivíduos. Consideram-no capaz de provocar a morte repentina de uma pessoa ou animal; fazer alguém infeliz na caça ou na pesca; tornar improdutiva uma plantação; e fazer apodrecer de imediato qualquer espécie de alimento. No entanto, comenta-se no âmbito indígena, e até com certa ironia, que a *fôrça* de Costan prevalece sobre os índios e os crioulos mas não sobre os brancos, pois, tendo sido castigado várias vezes pelos gendarmes em virtude das queixas levadas contra si, nenhum mal aconteceu aos mesmos.

Na região do Uaçá os xamãs são igualmente temidos, embora não tanto como Costan. Dentre todos destacava-se Yapahá, falecido recentemente, que não era benquisto pela maior parte dos índios, sobretudo porque proferia constantemente ameaças de morte contra as pessoas que consigo se desentendiam. Porém, junto aos caboclos do Cassiporé, gozava de boa reputação como adivinho e curandeiro e, de quando em vez, deslocava-se para esse rio de onde costumava

(10) — A fim de que não possam mais praticar maldades, os Palikúr não sepultam os xamãs pela forma usual com o rosto voltado para o nascente e sim em sentido contrário.

retornar com dinheiro e outros bens materiais recebidos pela execução de *serviços*. Em uma oportunidade, ganhou duas novilhas de um criador, por haver descoberto alguns casos de furto de gado sofrido pelo mesmo. Uma outra figura em evidência é a Karipúna Cecília cujo pai era também xamã. É alfabetizada, eleitora e conhece Belém do Pará. Possui influência sobre grande parte da população do Curipi, mas nunca ouvimos acusações contra ela quanto à prática de malefícios. Acontece que, para alguns homens do grupo, não passa de uma mistificadora, havendo um deles assim se manifestado a seu respeito: “A Cecília, para si e para as pessoas de sua família, nunca procura tratamento por intermédio de um outro pajé ou soprador, recorrendo sempre a medicamentos. E só costuma assumir compromisso para cuidar de um enfermo, após constatar que êle está tomando remédios e com sintomas de recuperação”. Ainda entre os Karipúna, há a mencionar a rivalidade que ocorre entre os xamãs (?) Elza (uma menina de 14 anos) e Raimundo, cujas atividades até o momento parecem restringir-se à realização da *festa do turé*. Em uma ocasião, aliás, Elza foi comunicar a um dos líderes da comunidade que o rival estava furtando suas canções e, em consequência, prejudicando-lhe. Havendo o líder retrucado que ela poderia proceder do mesmo modo, assim se expressou: “Não preciso canções de ninguém, pois posso cantar uma noite inteira sem repetir nenhuma.”

A redução à impotência ou a morte de xamãs reputados como nocivos tenta-se por várias formas. De um modo geral êles entram em conflito aplicando as próprias técnicas. Feiticeiros também costumam *trabalhar* contra xamãs e vice-versa, sendo voz corrente no Urucauá que a morte do xamã Lexan Yuyú foi provocada pelo feiticeiro Paul Emile Labonté (vulgo *Sans-Sous*) (11).

(11) — Conforme Fernandes (1948 : 220-1) *Sans-Sous* tinha grande simpatia pelos franceses. Em estado de embriaguez costumava aconselhar “o desrespeito aos chefes não só indígenas como do Serviço de Proteção aos Índios, convidando-os à hostilidade a essas autoridades e aos brasileiros” (ibid.). Em face ao exposto era de opinião que *Sans-Sous* fosse afastado do Urucauá.

Uma incapacidade temporária ou a morte de um xamã pode ser provocada mediante a defumação e a destruição de seus instrumentos de trabalho. Um velho Palikúr, por exemplo, nos revelou haver certa ocasião defumado o cesto onde um xamã, seu desafeto, guardava os pertences, “a fim de afugentar os maus espíritos.” Um jovem Galibí, por sua vez, queimou recentemente todo o instrumental do xamã Yapahá para vingar um parente que havia morrido de modo súbito dias após uma discussão havida entre ambos. E tendo Yapahá falecido logo depois, foi tal coisa considerada como consequência dessa ação de represália.

Entre os Palikúr, procura-se também punir aqueles que praticam más ações, sejam ou não xamãs, através da *ilha da mãe d'água* (*iveytipiti* = palikúr), situada nos campos alagadiços e em cujo interior existem algumas pequenas depressões, as quais, segundo informantes, por ocasião das grandes marés, enchem-se de água, exalando vapores fétidos. Como prova da existência aí de forças mágicas costumam os índios narrar sobretudo dois casos. O primeiro, ocorrido há muitos anos, foi provocado por uma mulher que, em companhia de outras pessoas, subtraiu do roçado pertencente ao seu pai mandioca e batata para fabricação de caxiri destinado a uma festa. O velho ao constatar o furto inquiriu a filha, porém, tendo ela declarado nada saber a respeito, reuniu pedaços daquelas raízes e foi depositá-los em uma das depressões da *ilha* com intuito de provocar a punição dos autores do furto. Em consequência faleceram no dia seguinte ao da festa não só os que furtaram as raízes como os que ingeriram a bebida (12). Um outro acontecimento, havido em época menos recuada, foi provocado por dois homens que furtaram um camaleão do xamã Maximilien, o qual, no entanto, suspeitou de duas mulheres avistadas às proximidades de sua habitação. Uma vez que ambos faleceram pouco tempo depois vi-

(12) — De acôrdo com a memória tribal, tendo havido poucos sobreviventes a maioria dos cadáveres ficou insepulta e foi devorada pelos urubus. Em consequência, o local da aldeia passou desde então a ser conhecida pela denominação de “Urubu” que ainda hoje é mantida.

timados por gripe, isso foi atribuído ao xamã visto que, logo após o furto do camaleão, êle recolheu-se ao mosquiteiro e aí ficou várias horas cantando. Alguns parentes das vítimas resolveram então vingá-las e, com tal intenção, foram enterrar na *ilha* fragmentos de roupas pertencentes às mesmas misturados com outros do xamã, pedindo a punição dêste pela injustiça cometida. Maximilien, por sua vez faleceu dias após atacado de forte disenteria.

Uma vez que a aplicação de tais processos não venha surtir resultado contra um xamã “porque êle tem mais força”, sua eliminação pode ser tentada de maneira violenta. Entre os Karipúna às vezes ocorrem desentendimentos por causa de *feiticarias*, porém, segundo fomos informados, nenhum ainda assumiu caráter sério. Já entre os Galibí casos dessa natureza, além de mais frequentes, de quando em vez estão reclamando intervenção administrativa. Há quatro anos atrás, um homem cuja mulher e filhos morreram de gripe, se não fôsse impedido pelo Agente do S.P.I., teria assassinado em represália os filhos do xamã Yapahá, que fôra acusado por um rival como responsável por aquelas mortes. Mais recentemente, outro estado de tensão foi provocado pelo xamã Alfredo, falecido em consequência de tuberculose pulmonar. Primeiramente, êle apontou um velho servidor do S.P.I., de ascendência Galibí pelo lado materno, como causador de sua doença, pois, conforme expressou-se, “o avistava tôdas as noites em sonho com uma vela acesa, rezando orações aprendidas com o padre do Oiapoque.” Em seguida, declarou que estava “secando” porque um outro homem lhe havia furtado um cigarro e jogado ao fogo. Logo depois lançou a culpa sobre mais dois individuos: um o havia “soprado” e o outro o havia “amarrado com Santo Antônio.” Por fim declarou que “estava morrendo antes de ter chegado sua hora mas não podia reagir contra os inimigos porque Yapahá lhe furtára todos os diabos.” O dirigente do Pôsto, tendo em vista as ameaças que os parentes de Alfredo estavam proferindo contra os acusados, resolveu interferir antes que se complicasse a situação.

Entre os Palikúr, assassinatos de xamãs reputados como maus, já observados pelo Padre Fauque, há cerca de 200 anos (Coudreau, 1893 : 274; Nimuendajú, 1926 : 90), ainda vêm ocorrendo nos dias atuais. Segundo informantes, o “poderoso” Warawenê que era muito temido foi convidado para um repasto e, ao retirar-se, foi morto com um arpão pelas costas. Pela década de 1940, Fernandes (1948 : 218-19) viu-se a braços com uma situação crítica, quando um grande número de índios foi pedir-lhe licença para matar o xamã Volmá, apontado por um adversário como responsável pela morte de um dos líderes do grupo. Conforme suas próprias palavras conseguiu solucionar a crise, dando a permissão solicitada, mas com a condição de ser a morte do acusado realizada de modo idêntico como havia êle procedido, isto é, “cantando, fumando e batendo com maracá” e pelo próprio denunciante. Êste, então, alguns dias após lhe foi comunicar ter cometido um engano provocado por um espírito que consigo quisera brincar (ibid.). Acontece que, decorridos mais alguns anos, por outro caso semelhante, Volmá foi agredido a pauladas, ficando gravemente ferido.

Outros fatos de idêntica natureza ocorreram subsequentemente. O mais sério teve lugar em 1961 e foi provocado pelo xamã Payuyu, o qual acusou seu antigo mestre Pitbug como responsável pela enfermidade de uma menina atacada de sarampo, declarando ao mesmo tempo que ela só poderia recuperar a saúde se Pitbug fôsse morto. Reputando como verdadeira tal acusação o pai da menina e mais onze indivíduos foram abater Pitbug a cacetadas quando êle viajava em companhia da filha (13). Em seguida Payuyu furou com uma flecha os olhos do assassinado e, segundo vários informantes, teria assim se expressado na ocasião : “Com êsses olhos é que estavas matando crianças.” Acontece que, embora Pitbug não fosse um legítimo Palikúr, pois, sendo

(13) — A primeira cacetada em Pitbug foi desfechada por um elemento que havia travado contato com os índios Gaviões, como trabalhador de turma de atração. A crermos em informantes, teria no momento exclamado : “Olhem, é assim que fazem os índios do Tocantins”.

seu pai Galibí não pertencia a nenhum dos clãs (cf. Arnaud, 1968 : 6), houve ameaça de conflito porque numerosos índios seus adeptos pretendiam ir ao encalço dos matadores que haviam fugido para a mata. O Agente do Pôsto resolveu então empreender a captura dos mesmos, encaminhando-os em seguida para Belém. Todavia, Payuyu e mais três companheiros, evadiram-se da embarcação que os conduzia, indo refugiar-se no lado francês. Os demais foram enviados para um Pôsto Indígena do rio Tocantins, de onde logo em seguida se dispersaram pelo meio regional.

Um outro caso havido em 1966, quando excursionávamos pelo Urucauá, quase tem desfecho semelhante ao do anterior. Girou em tórno de uma mulher que sofre de reumatismo crônico, já tendo o médico da Colônia Militar de Clevelândia diagnosticado não ser mais possível seu completo restabelecimento. Porém, seu irmão resolveu consultar um xamã saramacá o qual lhe teria declarado haver sido a doença causada pelo xamã palikúr Demonty. Tomando conhecimento da situação, o Agente do Pôsto interpelou o acusado, havendo êste lhe respondido que “não procedia mal contra ninguém porque temia a justiça de Deus.” No entanto, alguns dias após, tendo o irmão da enferma lhe dirigido insultos, quando realizava uma prática, feriu-o levemente com uma tesoura. A fim de evitar represálias aquêle funcionário resolveu afastar Demonty durante certo tempo do Urucauá.

*
* *

A função do feiticeiro (*aviri* = palikúr; *potâ* = crioulo ?) de igual modo como a de xamã não é hereditária, não sendo também incompatível com o exercício de *cargos de chefia*. Pode ser igualmente executada por elementos de ambos os sexos, existindo presentemente em evidência cinco feiticeiros Palikúr, quatro Galibí, doir Karipúna e uma feiticeira Palikúr. No entanto, a crermos em informantes, o

número de pessoas ora dedicando-se ao mister é bem maior, pois, nem todos costumam desde cedo identificar-se. Os que possuem vocação geralmente procuram orientar-se por intermédio de um mestre, mas alguns de *motu proprio* entram em plena atividade.

O feiticeiro, ao contrário do xamã, trabalha de dia ou de noite, sem indumentária especial e prescinde de ajudante. Não atua influenciado por espíritos mas em decorrência de virtudes inatas. Emprega o sôpro ao natural ou com a fumaça do cigarro (às vezes também a saliva), à distância ou diretamente em pessoas, animais, utensílios, bebidas, comidas, etc., ao mesmo tempo que murmura palavras (orações?) cujo sentido os informantes não souberam ou não nos quiseram explicar.

Não age o feiticeiro como adivinho e não tem ação sobre fenômenos naturais (chuvas, tempestades, etc.). Todavia, empenha-se em curar doenças e ferimentos inclusive quando causados por cobras venenosas. Pode *consertar* através do sôpro o sexo de uma parturiente, a fim de que ela possa reiniciar relações sexuais antes da conclusão do resguardo; antecipar o término de um período de *couvade* ou de luto soprando nas armas ou ferramentas do interessado; e solucionar um caso amoroso soprando em algo destinado à pessoa pretendida. Por outro lado, pode tornar alguém infeliz na caça, pesca ou lavoura, soprando em suas armas e utensílios de trabalho; e fazer também uma pessoa adoecer ou morrer, soprando diretamente contra ela ou em sua comida. E, em face a última circunstância, costumam os índios lançar na água as sobras dos respastos, a fim de não possibilitar a terceiros sua utilização para tal fim.

Tanto como os xamãs há feiticeiros que podem atuar simultaneamente na prática do bem e do mal. Na maioria, porém, não desempenham a função em todos os seus aspectos e sim como *especialistas*, sendo que, o celebre *Sans-Sous*, era considerado sobretudo como "feiticeiro de pajé". Chegam até a ser mais temidos que os xamãs, mas pelo me-

nos nos últimos tempos, nenhum sofreu ofensa física como represália pela prática de malefícios, embora alguns já tenham sido ameaçados. Assim como os xamãs recebem pagamentos em dinheiro ou em espécie pela execução de *serviços*.

Às vezes um feiticeiro quando procurado por alguém para tratamento de uma doença o encaminha a um xamã, ou vice-versa. Também há ocasiões em que o próprio interessado não conseguindo resolver seu problema através de um recorre ao outro. As opiniões sobre a maior ou menor eficiência dos feiticeiros em contraposição a dos xamãs variam, naturalmente, segundo os acontecimentos. Por exemplo, para um velho saramacá que habitava há cerca de 30 anos no Urucauí, "pajé Palikúr não vale mais nada." No entanto, passou a acreditar firmemente no valor dos feiticeiros em virtude de um filho seu haver sarado de um ferimento após ter sido *soprado* por um dêles, embora estivesse sendo também tratado com anti-biótico pelo Agente do Pôsto Indígena. Seu ponto de vista manifestou mais ou menos nos seguintes termos: "Se o senhor adoecer e for tratado por um soprador o senhor ficará bom; porém, se um dêles fôr seu inimigo e soprar em sua comida o senhor irá perdendo o apetite até morrer; e se soprar em sua espingarda o senhor não irá matar mais nenhuma caça."

Um informante Palikúr, por sua vez, nos relatou o caso de um rapaz com sintomas de loucura, que foi tratado durante várias noites por dois xamãs ao mesmo tempo mas sem resultado favorável. Todavia, ficou imediatamente curado logo após um feiticeiro haver soprado em seu corpo e lhe dado para ingerir uma bebida? também soprada. Na ocasião o feiticeiro teria declarado que a doença fôra causada por um vento que se havia introduzido no corpo do rapaz. Um Kari-púna ora radicado no Uaçá também nos revelou que, achando-se certa ocasião bastante debilitado, procurou tratar-se com um xamã. Este, porém, o encaminhou a um feiticeiro, o qual conseguiu realizar com êxito seu tratamento por meio de uma beberagem soprada que lhe ministrava diàriamen-

te. Segundo um outro informante Karipúna, um feiticeiro Palikúr há tempos atrás curou repentinamente, na presença de várias pessoas, uma mulher que vinha sofrendo de fortes dores abdominais, e já havia sido tratada por um xamã, fazendo-a ingerir um copo com água onde havia cuspidido e soprado a fumaça do cigarro, ao mesmo tempo que “pronunciava algumas palavras.” No entanto, outros casos semelhantes que não tendo sido solucionados por feiticeiros o foram posteriormente por xamãs chegaram ao nosso conhecimento. E, recentemente, um xamã e um feiticeiro falharam sucessivamente quando tentaram salvar uma parturiente que, em face à gravidade de seu estado, estava sendo conduzida pelo marido para a Cidade do Oiapoque, pois ela faleceu antes de chegar ao destino.

*
* *

A crença na existência de lobishomens (*urukru* = palikúr; *fugahô* = crioulo), segundo informantes Palikúr, foi adquirida por intermédio de *civilizados*. Geralmente são assim reputados indivíduos de palidez acentuada ou de olhos esbugalhados, sobretudo quando são avistados caçando ou pescando assiduamente, à noite, nas proximidades dos cemitérios. Além de temidos como os xamãs e os feiticeiros são também menosprezados e, em vista disso, ninguém gosta de ser apontado como tal.

Esses indivíduos são considerados capazes de transfigurar-se em animais ou em fogos-fátuos e, sob este aspecto, podem voar a grandes alturas sobre fôlhas de árvores ou quaisquer outros objetos. São acusados de desenterrar cadáveres para comer a carne ou satisfazer instintos sexuais e às vezes apontados como responsáveis por mortes ocorridas em circunstâncias estranhas.

A respeito de lobishomens tivemos oportunidade de ouvir apenas o seguinte relato: “Há vários anos passados uma viúva Palikúr pediu uma môça em casamento para o

filho mais velho que tinha a fama de lobishomem. Mas não havendo êle concordado com a escolha conseguiu fazer seu segundo filho tomá-la como espôsa. Acontece que, pouco depois do consórcio, aquêle passou a assediar a cunhada com o intuito de possuí-la sexualmente, mas não tendo obtido êxito prometeu provocar sua morte, que efetivamente ocorreu de forma repentina alguns dias após. O viúvo teve conhecimento da ameaça e, em vista disso, resolveu retornar ao cemitério na mesma noite do entêrro, aí escondendo-se na copa de uma árvore. Já altas horas avistou um vulto aproximar-se da sepultura da espôsa e enlaçar outro que surgia do seu interior, porém, havendo disparado uma flecha no rumo dessas aparições ambas sumiram transformadas em uma bola de fogo. Ao retornar à maloca encontrou o irmão gemendo em consequência de uma ponta de flecha cravada na costa. Arrancou-a com violência e êle então passou a esvair-se em sangue até falecer.”

*
* *

Em conclusão temos a dizer que, os xamãs e os feiticeiros do Uaçá, vêm sofrendo a concorrência de assemelhados seus crioulos e saramacás da Guiana Francesa e brasileiros do baixo Oiapoque e Cassiporé, os quais de quando em vez são consultado pelos índios. Porém, alguns dêles têm estendido também as atividades até o âmbito dessas populações regionais. De certo modo são combatidos pela direção do Pôsto Indígena (sobretudo os xamãs) especialmente por ocasião das crises que não raro provocam no seio dos grupos. E no que respeita ao curandeirismo vêm tendo a ação restringida em vista da assistência sanitária desenvolvida pelo Pôsto, embora nem sempre satisfatória, pois, ao contrário de antigamente, já procuram os índios, em grande maioria, tratar-se sempre que possível com medicamentos. Um velho Galibí, quando o inquirimos acêrca de sua preferência entre o médico e o xamã, respondeu mais ou menos nos seguintes termos: “Agora se adoço ao invés do tratamento do pajé

prefiro o remédio do médico, mas como êste nem sempre existe o jeito é continuar apelando para o pajé.” Um Palikúr, por sua vez, assim expressou sua opinião: “Na maioria dos casos o medicamento tem resolvido melhor que o pajé ou o soprador, porém, se a gente tem de morrer, nem pajé, nem soprador e nem médico resolve.” Acontece que, se um enfermo não recupera a saúde após haver ingerido medicamentos, suspeita-se mais fortemente ter sido êle *enfeitado* do que se isso não houvesse ocorrido.

Em virtude da ação da igreja católica, que presentemente processa-se apenas através de raras desobrigas, traços dessa doutrina integraram-se ao xamanismo tribal mas sem alterá-lo fundamentalmente. No entanto, a introdução do culto protestante entre parte da população Palikúr, já vem provocando modificações de hábitos e atitudes com reflexos contrários ao exercício da prática em questão. Os adeptos da nova doutrina passaram a participar assiduamente dos ofícios semanais realizados pelo *pastor* Paulo Orlando, que lhes transmite trechos da Bíblia em português com versão imediata para o Palikúr. Em contraposição, deixaram de participar do *cerimonial do turé* bem como de outras festas tradicionais à maneira *civilizada*, pois, “quem recebe Jesus (*Wohokri-kamkaen* = Deus-filho) não deve mais sentir prazer para divertimentos.” Ao mesmo tempo abandonaram o uso do fumo e de bebidas alcoólicas incluindo o caxiri. Não mais estão recorrendo aos xamãs, embora os continuem temendo especialmente porque “êles agem por ação de demônios.” Ainda consultam feiticeiros por motivo de doença e quando falta medicamentos, mas somente os reputados como bons e já admitidos em seu meio, os quais, não mais aplicam o fumo no exercício da *função* e apenas o sôpro ao natural.

Enfim, as influências alienígenas podem estar provocando entre os índios do Uapá o enfraquecimento da antiga crença quanto à eficiência dos xamãs e feiticeiros para realizar ações benfazejas. Todavia, tais influências parecem

não lhes ter ainda abalado a convicção de que, êsses agentes do sobrenatural, continuam desfrutando de poderes para a execução de malefícios.

SUMMARY

Shamanism is practiced by Palikúr, Galibí and Karipúna Indians, located today in the Uaçá Region (Oiapoque, Territory of Amapá, Brazil).

Details are presented, in the introduction, about the intrusion of the Europeans into the territory of the aforesaid Indians, the linguistic affiliations of these relations among themselves and with the populations of French Guiana and Brazil, established along the banks of the Oiapoque and Casiporé Rivers.

The main part of the paper primarily indicates the present existence of shamans, sorcerers and “werewolves” in the Uaçá Region. Subsequently the technics, the roles and the actions performed by shamans and sorcerers.

The outside sociocultural influences are changing the role of the shamans. Nowadays it is less believed by the local population, that they perform good actions for welfare of the individuals and the community, while increases the ancient belief that their supernatural power is used to practice witchcraft.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ARNAUD, EXPEDITO

- 1966 — Os índios Galibí do rio Oiapoque. Tradição e mudança. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. ser. Antropologia, 30. 52 p., il.
- 1968 — Referências sobre o sistema de parentesco dos índios Palikúr. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. ser. Antropologia, 36. 12 p., il.
- 1969 — Os índios da região do Uaçá (Oiapoque) e a proteção oficial brasileira. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. ser. Antropologia, 40. 37 p., il.

BALDUS, HERBERT

1965/66 — O xamanismo. Sugestões para pesquisas etnográficas. *R. Mus. Paul.*, São Paulo, n. ser. 16 : 187-253.

BUTT, AUDREY

1965/66 — The shaman's legal role. *R. Mus. Paul.*, São Paulo, n. ser. 16 : 151-86.

COUDREAU, HENRI

1893 — *Chez nos indiens*. Paris, Hachette. 614 p., il., mapas.

FERNANDES, EURICO

1948 — Contribuição ao estudo etnográfico do grupo Aruak. *Acta amer.*, México, 6 (3-4) : 200-21.

1950 — Medicina e maneiras de tratamento entre os índios Pariukur (Aruak). In: *Amér. ind.*, México, 10 (4) : 309-20.

1963a— Pariukur-Ienê. In: RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Índios do Brasil das cabeceiras do rio Xingu, dos rios Araguaia e Oiapoque*. Rio de Janeiro, Impr. Nacional. v. 2, p. 283-92. [Notas tiradas por J. Malcher do livro Pariukur-Ienê (ensaio, 1931-1945), a publicar].

1953b— A festa do Turé dos índios Emerenhom. Descrição (estudo) e classificação de peças etnográficas. Oiapoque, 1944. In: RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Índios do Brasil das cabeceiras do rio Xingu, dos rios Araguaia e Oiapoque*. Rio de Janeiro, Impr. Nacional. 2 2, p. 273-8. [Extraída por J. Malcher com pequenas alterações de cópia autêntica registrada no livro 5 da 2ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios, sediada em Belém do Pará].

FOCK, NIELS

1963 — Waiwai — Religion and society of an Amazonian Tribe. *Nationalmuseet Skrifter, Etnografisk, Roekke*, Copenhagen, 8. 315 p. il.

GILLIN, JOHN

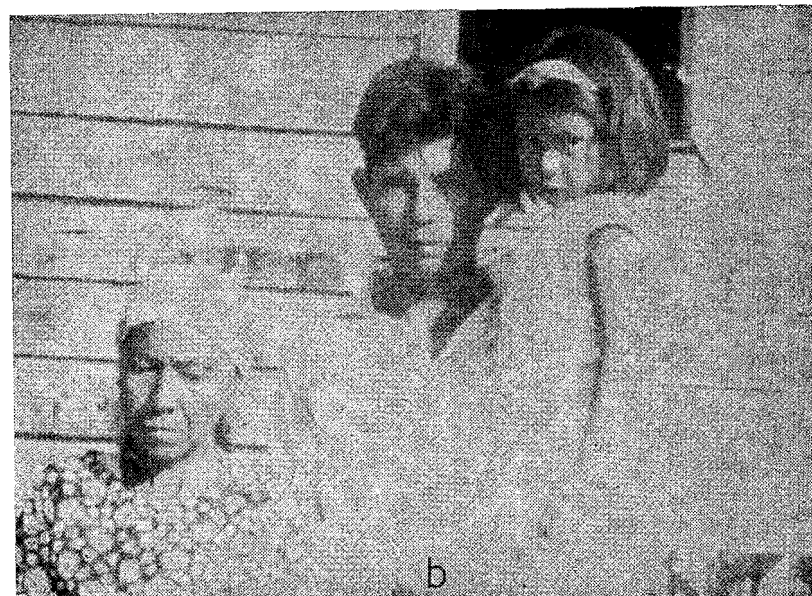
1948 — Tribes of the Guianas. In: HANDBOOK of South American Indians. *Bull. Bur. Amer. Ethnol.*, Washington. 143 (3) : 799-860. il.

GOEGE, C. H. DE

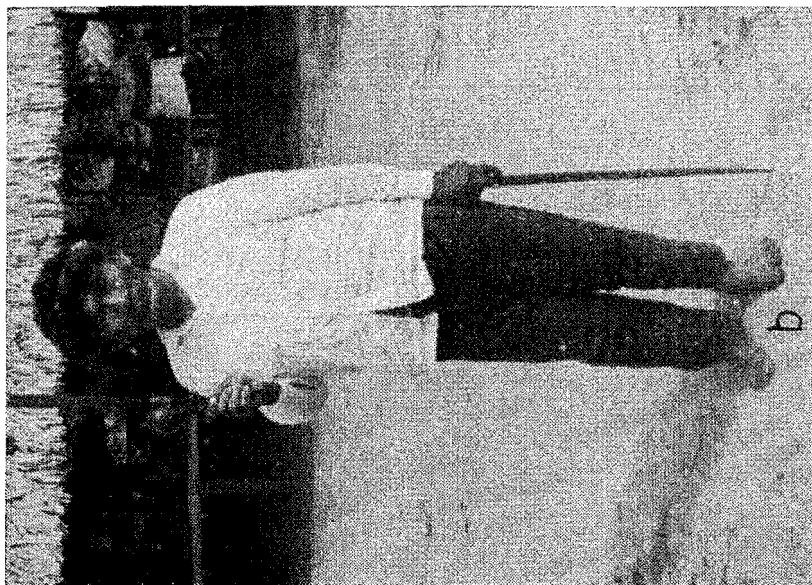
1943 — *Philosophy, initiation and myths of the indians of Guiana and adjacent countries*. Leiden, E. J. Brill. 136 p.

NIMUENDAJU, CURT

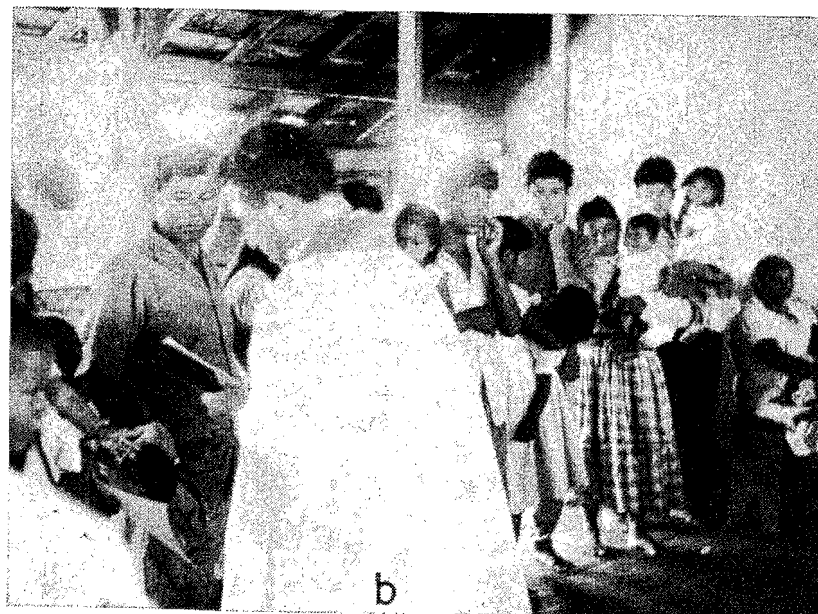
1926 — Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn. *Goteborgs Kungl. Vetenskaps — och Vitterhets-Samhallets Handlingar*, Fjarde Foljden, 31 (2) : 1-144. il., mapa.



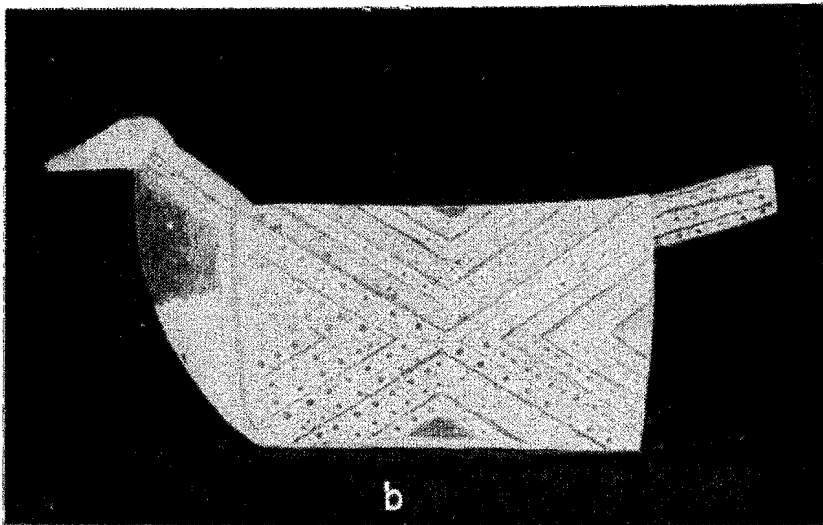
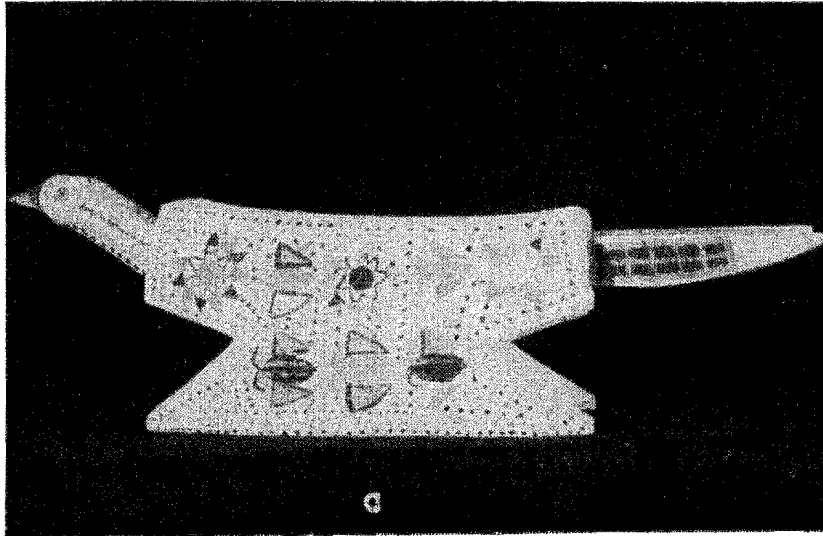
a) Xamã Palikúr Payuyu — rio Oiapoque (Guiana Francesa)
b) Xamã Palikúr Yapahá — rio Uaçá (T. Amapá, Brasil)



a) Xamã Palikúr Zé-Tuele — rio Urucauá (T. Amapá, Brasil)
 b) Xamã Galibí Alfredo — rio Uaçá (T. Amapá, Brasil)



a) "Pastor" Palikúr Paulo Orlando realizando um ofício religioso entre os índios — rio Urucauá (T. Amapá, Brasil)
 b) Padre Maísto (vigário do Oiapoque) efetuando batizados entre os índios Palikúr — rio Urucauá (T. Amapá, Brasil)



a) Banco cerimonial Palikúr — rio Urucauá (T. Amapá, Brasil)
b) Banco cerimonial Galibí — rio Uaçá (T. Amapá, Brasil)